

PROJEÇÃO - Estimativa de crescimento para este ano está abaixo da do governo e mais alinhada com a expectativa do mercado. A médio e longo prazos, banco trabalha com previsão de que economia se expanda em torno de 5%

BNDES: PIB deve crescer até 3,5%

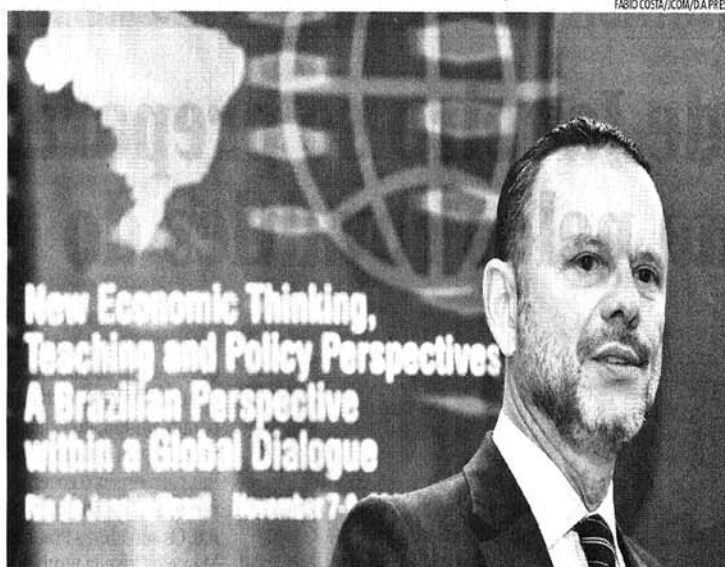
FÁBIO TEIXEIRA

O presidente do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), Luciano Coutinho, prevê crescimento de 3% a 3,5% para o Produto Interno Bruto (PIB) em 2011. O País, no entanto, pode esperar taxas mais robustas a médio e longo prazos, em torno de 5%. A estimativa de Coutinho para este ano fica abaixo da apresentada pelo governo, de 4%, e mais em linha com a expectativa do mercado dada pelo Boletim Focus, do Banco Central (BC), de 3,2%.

Os números do executivo conflitam ainda com os do secretário-executivo do Ministério da Fazenda, Nelson Barbosa, de 3,8%. Barbosa, no entanto, admitiu que poderá rever sua estimativa após a divulgação do PIB do terceiro trimestre pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Coutinho avalia que o governo, já com um plano de desaquecer a economia em 2011, foi pego de surpresa pela piora do cenário internacional. "A oscilação de curto prazo não é relevante", ressaltou. "A tendência de queda na taxa de juros e a promoção de investimentos no País nos dá um diferencial positivo em relação a outras economias", disse o executivo em coletiva com jornalistas.

Nesta linha, Coutinho diz ser prematuro rever a política de desembolsos do banco de fo-



FÁBIO COSTA/COM/DA PRESS

“A oscilação de curto prazo não é relevante. A tendência de queda na taxa de juros e a promoção de investimentos no País nos dá um diferencial positivo em relação a outras economias.”

LUCIANO COUTINHO
PRESIDENTE DO BNDES

mento, que fechou o terceiro trimestre em queda de 28% em relação a igual período do ano passado, ficando em R\$ 91,8 bilhões. Para ele, o patamar de investimento do País tem se mantido num nível satisfatório.

Durante palestra organizada pelo grupo Minds e pela Ford Foundation, Coutinho avaliou que a economia brasileira e outras emergentes se encontram hoje "descoladas" do cenário de recessão mundial. Segundo o presidente do BNDES, existe possibilidade de desaceleração no curto prazo, mas ela deve ser compensada no longo prazo por crescimento baseado no desenvolvimento do mercado interno, sendo, portanto, mais protegidas contra turbulências

internacionais.

O executivo explicou que, caso haja uma deterioração econômica maior no cenário mundial, a reação do governo não será dada da mesma forma que durante a crise de 2008. "Naquele ano houve uma total paralisação do sistema mundial de crédito, com todos os bancos internacionais parando de emprestar. Além disso, um conjunto de empresas brasileiras foi afetada pela questão dos derivativos de câmbio, criando um certo temor no setor bancário nacional."

De acordo com o presidente do BNDES, o efeito na economia foi agudo, obrigando o governo a tomar diversas medidas para sustentar os investimentos

e a economia. "Nesta crise de agora, temos um perfil diferente, sem essa agudeza", explica Coutinho. Para ele, não há risco de colapso de bancos importantes ou do sistema financeiro como um todo. "Na hora decisiva, o Banco Central Europeu (BCE) estará presente comprando papéis e aumentando na sua carteira o número de ativos privados ou de papéis da dívida soberana dos estados endividados."

O caráter mais brando da crise atual, segundo Coutinho, dá oportunidade ao governo de elaborar uma reação de longo prazo, priorizando o crescimento dos investimentos em relação ao PIB, aumento da poupança interna do País e melhoria na produtividade da

força de trabalho brasileira. A prioridade seria o estímulo ao crescimento por meio de capital interno, para diminuir a exposição do País às consequências de saída de capital estrangeiro ou variações no câmbio.

Coutinho lembrou ainda que o País conta com diversas "alavancas" para estimular o desenvolvimento econômico no País, sendo o BNDES uma delas. "Temos também a Petrobras e a própria iniciativa privada, que tem respondido muito bem a todas as oportunidades dadas pelo governo."

INVESTIMENTO. O secretário-executivo do Ministério da Fazenda, Nelson Barbosa, diz acreditar que a partir do ano

que vem o volume do PIB que é investido na economia, hoje em 18,5%, deverá voltar a aumentar. A meta com a qual o governo trabalha é de chegar a 2014 com 22% do PIB sendo investido. O momento atual, segundo Barbosa, seria de "mudança de marcha", com uma desaceleração dos grandes programas do governo para promoção de investimentos.

"Isso é natural na mudança do PAC 1 (Programa de Aceleração do Crescimento) para o PAC 2, e do Minha Casa, Minha Vida 1 para o Minha Casa, Minha Vida 2." De acordo com ele, com estas mudanças o País poderá alcançar o patamar de crescimento de 5% ao ano para o PIB em 2012. Segundo Barbosa, a queda na taxa de juros, o aumento do salário mínimo em janeiro e medidas tributárias adotadas este ano já garantem um crescimento de pelo menos 4% no ano que vem.

Provocado pelo ex-ministro da Fazenda Luiz Carlos Bresser Pereira a respeito do uso de capital externo para investimentos, Barbosa afirmou que o objetivo do governo não é zerar o déficit de conta corrente, mas mantê-lo dentro de um patamar aceitável. Bresser havia argumentado que o financiamento estrangeiro expõe o País a riscos, valorizando o real e inibindo investimentos nacionais. Ele apontou o déficit em transações correntes como um sinal de que o governo tolera um crescimento financiado pelo capital estrangeiro.